

## Felicidade foi-se embora

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

| BEM ESTAR | Brasil cai radicalmente em ranking mundial de felicidade. No Nordeste, queda é ainda mais acentuada. Desigualdade social, sensação de insegurança e incredulidade política reforçam impressão de fracasso. Estamos mais infelizes. E se o brasileiro viu minguar sua felicidade, a situação do nordestino ficou ainda mais cinza. É o que aponta a pesquisa World happiness report (Relatório Mundial de Felicidade), promovida pela Gallup, empresa norte-americana de análise e consultoria. Em 2018, de acordo com a investigação, atingimos o ponto mais baixo na medição de nossos índices de satisfação. E a contabilidade de nossos rendimentos tem a ver com a queda, mas não é só isso. A instabilidade política e a insegurança de nossas ruas também colaboraram. Em sua sétima edição, a pesquisa, que analisa 156 nações, colocou o Brasil na 32ª posição, abaixo de países como Panamá (31ª), Guatemala (27ª) e Israel (13ª), e acima do Uruguai (33ª), Itália (36ª) e Argentina (47ª). Na média dos últimos três anos, estabelecida a partir de critérios objetivos e subjetivos, registramos a marca de 6,3 mil pontos. Entre 2010 e 2012, nossa média estava em 6,8 – praticamente a mesma registrada pelo Reino Unido e acima de nações como França (6,7) e Alemanha (6,6). Responsável por destrinchar os dados brasileiros, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) elaborou o relatório Como vai a vida? Entendendo a queda do bem estar social a partir de microdados subjetivos e objetivos. Dados divulgados com exclusividade a O POVO apontam para a involução da felicidade no Nordeste, região que apresentou uma queda maior que a brasileira no mesmo período. Se o Brasil caiu de 6,99 a 6,36 até o fim de 2018, a região Nordeste foi de 6,92 para 6,15. “É verdade que a felicidade do Nordeste é menor que no Sudeste. Tem a ver com o nível de pobreza. Mas, se você comparar pessoas com o mesmo nível de renda e educação, o Nordeste apresenta um nível de felicidade maior do que o resto do País. É a felicidade nordestina”, avalia o economista Marcelo Neri, diretor do Centro de Políticas Sociais da FGV, responsável pela investigação no âmbito nacional. Em relação aos números brasileiros, chama atenção que o resultado de 2018, considerados individualmente, sejam ainda mais baixos – a pior nota do Brasil em sua média histórica: 6.2 mil pontos. Em 2006, quando o ranking começou a ser elaborado, marcamos 6,6 mil. Em 2013, ano das grandes manifestações de rua no País, atingimos nossa melhor pontuação, 7,1 mil pontos - a frente de todos os vizinhos sul-americanos. Nossa queda acompanha, segundo o relatório, uma “onda global de infelicidade” que tem a ver com o sentimento de incredulidade em relação aos nossos líderes políticos e com o uso inadequado e excessivo das redes sociais. A queda do País, de 7,1 para 6,2 em cinco anos, é uma das três piores quedas globais, ao lado de Yemen, Malawi e Zimbábwe, e revelam uma “grande regressão social”. “É verdade que ainda somos o número 37 no ranking de 156 nações, mas em 2013-2014 éramos o número 17. Essa queda radical chama atenção, é absolutamente grande”, avalia o Marcelo Neri. Os critérios objetivos levados em consideração pela pesquisa dizem respeito aos sentimentos de prosperidade - crescimento da média de renda e de consumo (prosperidade); de igualdade - distribuição dessa renda entre indivíduos e grupos da sociedade; e de sustentabilidade - possibilidade de manutenção dos padrões de vida conquistados. O PIB do trabalhador brasileiro subiu 2,3% em 2018, a maior taxa dos últimos quatro anos, e a renda per capita também cresceu 1,54%. A má notícia é que a equidade, fechando quatro anos de piora contínua, caiu mais 0,71% em 2018. Queda desse porte e constância não aconteceu nem mesmo antes de 1989, nosso pico histórico de desigualdade. Apesar dos números positivos de PIB e renda per capita apresentados no período recente, há um descompasso em relação aos critérios subjetivos - relacionados à percepção particular das pessoas sobre a situação do País, levando em conta critérios como qualidade de vida e a disponibilidade e acesso a serviços públicos. “O PIB não explica tudo. Pra entender a queda no Brasil, não basta olhar pra uma das maiores recessões da história do País”, explica Neri. Em outras palavras, a retomada da

esta expressão não está em resposta às respostas de felicidade, que se vê minadas pelas altas taxas de desemprego, descrença na política e medo da violência. Ex-presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e ex-ministro-chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos da presidência entre os anos de 2013 e 2015, Neri aponta para a alarmante situação do Brasil em outros rankings. “Em 2017, o Brasil era o número 2 entre os países com mais medo da violência. A partir de uma pergunta direta, ‘você tem medo de andar à noite em seu bairro?’, percebemos que o nível de medo do brasileiro só perde para o registrado no Afeganistão. Se você perguntar sobre o nível de confiança no Governo federal, também vamos estar entre os dois piores, perdendo apenas para a Bósnia. Os dados sobre aprovação das lideranças políticas no Brasil são os mais baixos de toda a história. São situações extremas”, explica. O relatório da FGV também analisa os perfis particulares dessa infelicidade. Agora, os homens parecem mais infelizes que as mulheres - o que também pode ser explicado pelos níveis de renda, já que enquanto a delas subiu 2% desde 2014, a deles caiu 5% no mesmo período. Aqueles que moram em metrópoles e grandes cidades são mais infelizes que os que vivem em cidades pequenas. A nota dos primeiros é 6,1, enquanto os segundos pontuaram 6,3. E por falar em renda, a relação entre a condição financeira e os níveis de felicidade se tornam ainda mais patentes quando consideramos as respostas dos 20% mais ricos conta o restante da população. De 0 a 10, os primeiros atribuem nota 7 para sua felicidade. Para os demais, a nota é 6,2. Variação semelhante entre os que têm ensino fundamental completo (nota 6,5) e os que não têm (5,7). “É o aumento da desigualdade explicando a piora da felicidade”, avalia Neri, que acredita em uma lenta recuperação a partir de agora: “Estamos no fundo do poço, tão baixo que uma mudança não é descartada. Vamos ter índices melhores. É uma positividade condicionada: se fizermos a coisa certa, se a economia melhorar, se a desigualdade parar de subir, se o desemprego for controlado, se a sociedade retomar a confiança no sistema, esse índice pode reagir rapidamente”. Reprimidos e zangados

Estudioso da felicidade e da paranoia na vida política e social, o médico psiquiatra Valton de Miranda Leitão, que é também psicanalista, ensaísta político e Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Ceará (UFC), se diz contrário à medição de níveis de felicidade mas reconhece que padrões gerais de cultura, educação, saúde, pobreza e qualidade de vida interferem no “mal estar na civilização”, termo emprestado da psicanálise freudiana. “Sou contra esse tipo de numerologia, acho uma tolice. Naturalmente, todas as culturas tem um mal estar que varia de acordo com algumas situações. O Brasil é um dos países com maior concentração de renda do mundo, e isso já é suficiente para acentuar nosso mal estar. Esse é um ponto de partida”, avalia Valton. E o que seria, então, a felicidade? Para o especialista, “é um termo genérico que tenta capturar uma coisa que não tem a ver apenas com a realidade sócio-histórica das pessoas”. Teria ligação com um mal estar inerente ao homem civilizado que precisa reprimir impulsos. “Quando isso é estimulado pelos fatores sociais, políticos e econômicos, esse mal estar é incrementado, e isso pode coincidir com a ideia de infelicidade”. Essa ideia estaria sendo ainda mais enfatizada pela percepção de que o País mergulhou em uma divisão profunda. “Esses posicionamentos preconceituosos, escravocratas, racistas, dormitavam no inconsciente dos setores de classe média, mas eles foram estimulados para que algumas pessoas atingissem determinados objetivos políticos. A sociedade ficou dividida por esse ódio que coincide com o ódio de classe. Todo esse processo tem a ver com o incremento do mal estar na cultura”, explica. Valton aponta seu dedo acusador. “Você tem na chefia da nação um homem que usa o símbolo de uma arma. Um ministro da justiça que quer a flexibilização do porte de arma. Não vamos desresponsabilizar esses caras. Eles são responsáveis pelo que está acontecendo, assim como a imprensa, o judiciário, a tutela militar. Os pactos entre os grupos estão se desfazendo. É o retrocesso da sociedade, a luta da barbárie contra a civilização”, conclui.

Insegurança e dívidas A diarista Helena Santos, do Jardim América, conseguiu reformar sua casa em 2017. Fez um quarto novo, com banheiro e porta para o quintal. Em 2018, comprou os móveis que faltavam. Trabalha de segundo a sábado em casas da Aldeota, Meireles e Fátima. Seus patrões aceitaram os dois aumentos no preço de sua diária no ano passado e outro agora, em 2019. Está feliz, mais que há cinco ou seis anos. “Estou conseguindo comprar minhas coisas, arrumar minha casa. Só não estou melhor porque meu filho não consegue emprego e voltou a morar comigo, é mais uma boca pra alimentar”, conta. Além do filho desempregado, estão entre suas queixas recentes a violência que varreu Fortaleza nos primeiros meses do ano - “não tinha ônibus pra eu ir trabalhar” - e os alagamentos frequentes nos meses de chuva - “dificulta muito nossa vida, a Cidade não está preparada”. O nível de satisfação de Helena encerrou 2018 com um balanço positivo, mas o mesmo não pode ser dito de Kelly Moreira, vendedora em um shopping da Cidade. Kelly teve sua segunda filha em 2017, mas seus rendimentos somados aos do marido não estão dando conta das novas despesas. “Estamos ficando

condemna, porque além de tudo temos a culpa de um carro", explica ela, que vem acompanhando com apreensão os passos do novo governo. "Votei no Bolsonaro, mas estou com medo de que nada dê certo, com esse monte de reforma empacada", conclui. A também vendedora Mirela Freitas, amiga de Helena, é ainda mais pessimista em relação à nova administração do País. "Estou completamente decepcionada. Também votei nele, mas nada está acontecendo como eu esperava", conta ela, que desistiu de comprar um carro e trancou a faculdade de nutrição que cursava - "as contas não fecham mais". Felizes apesar da repressão Jäder Santana [jader.santana@opovo.com.br](mailto:jader.santana@opovo.com.br) O esfacelamento do Império Grego e a decadência de Atenas inverteram a lógica da busca pela felicidade. O que antes era visto como uma intenção coletiva, passou, pouco a pouco, a ganhar ares de propósito individual. Era hora de fortalecer as "cidades interiores", a capacidade de sentir-se bem apesar de. Da fundação da civilização norte-americana, passando pelo Holocausto na II Guerra e pela felicidade ilusória de Freud, o ser feliz foi discutido e repensado em distintos níveis. Na entrevista a seguir, a professora do curso de filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC), Maria Aparecida Montenegro, parte do Ranking Mundial da Felicidade, divulgado recentemente pela Gallup e pela FGV - segundo o qual o Brasil se transformou em um país mais infeliz -, e reflete sobre o que essa busca diz sobre nosso sentimento de inadequação no mundo moderno. O POVO: É possível medir a felicidade? Maria Aparecida Montenegro: Depende do que estamos pensando como medida. Você não vai ter um índice fiel ou fidedigno que possa indicar numericamente esse grau ou patamar de felicidade de um povo, mas você pode estabelecer alguns parâmetros que, de certo modo, nos ajudam a ter uma visão panorâmica, um vislumbre da situação em que o país se encontra. Como estamos totalmente inseridos nessa realidade, não temos uma visão muito clara do conjunto. OP: O que os critérios objetivos e subjetivo utilizados pela pesquisa da Gallup e FGV dizem sobre o Brasil? Maria Aparecida: São importantes os critérios utilizados na pesquisa: não só a renda, mas também a possibilidade de as pessoas se sentirem realizadas dentro da coletividade. A queda desse índice tem a ver com a diminuição das oportunidades que, nos últimos anos, haviam aumentado. A oportunidade de uma pessoa de uma classe desfavorecida poder alçar outros voos, entrar na universidade, realizar um projeto de estudo. E também há a sensação de injustiça e corrupção. A baixa autoestima é cada vez mais corroborada pelos escândalos na política. Ao mesmo tempo, temos uma baixa autocrítica como cidadãos. Vivemos essa intensidade de polarização, essa descrença no conhecimento. É um autoengano. OP: Felicidade individual e coletiva estão diretamente ligadas? Maria Aparecida: Essa relação foi mais enfatizada em períodos anteriores, como na antiguidade grega, até o século IV Antes de Cristo (A.C). A mudança tem a ver com a deterioração da situação privilegiada que a Grécia viveu. Os escândalos políticos, as guerras, os conflitos, as derrotas que Atenas sofreu contribuíram para que a busca por felicidade se distanciasse um pouco desse projeto coletivo. O ideal, o esperado, o mais desejado, é que seja uma relação muito próxima. Mas, depois da deterioração do Império Grego, começaram a surgir correntes filosóficas que buscavam nas "cidades interiores", as que estão dentro de cada um de nós, a "eudaimonia" (em grego, o estado de ser habitado por um bom gênio). Quando um império declina, colapsa, a tendência é a busca da felicidade como um projeto individual. OP: É o caso das sociedades ocidentais? Maria Aparecida: Nossa sociedade é herdeira de uma tradição individualista. Mas, no caso do grego, não há egoísmo. Há um historiador chamado Robert Darnton que fala dos responsáveis pela construção da América, George Washington, Thomas Jefferson e Benjamin Franklin, os fundadores dos princípios constitucionais da sociedade americana. A primeira cláusula de sua constituição é o direito que cada cidadão tem à felicidade. Mesmo em uma sociedade individualista como a norte-americana, esses fundadores pleiteavam uma felicidade que também era coletiva, que não era apenas a plenificação dos prazeres, mas sim algo que resultasse em uma sociedade mais justa e com oportunidades. Em um mundo em guerra, onde você não tem mais confiança nas instituições, para não se desesperar você se volta para buscar a felicidade da "cidade interior". É uma estratégia para estabelecer uma bela vida, uma vida voltada à virtude, para desenvolver o que há de melhor em você, seus talentos. Muitos autores falam da criatividade. Ela aparece nos momentos de maior conflito - autores, artistas, emergem desse momento crítico. Talvez agora, quando estamos vivendo essa situação pouco alvissareira, possamos aumentar nossa autoestima e nossa autocrítica. OP: O que acontece com o conceito de felicidade em situações extremas como o Holocausto? Maria Aparecida: Temos pensadores que falaram sobre esses momentos trágicos, que viveram em campos de concentração. E eles têm uma mensagem positiva. O Viktor Frankl fala da "ética do sentido da vida". Também se fala da ética do outro, da autoridade, de você ser capaz de olhar verdadeiramente para o outro, uma coisa raríssima. Temos essa grande dificuldade de sair de nós mesmos. Eles foram pessoas com mensagens positivas sobre o

estar no mundo, apesar do momento dramático. É possível retirar aprendizados, perceber que a melhor saída para lidar com a tragédia, é aprender algo desse sofrimento. Essa pode ser a saída. Tudo depende de não entender a felicidade apenas no sentido do prazer, da satisfação. OP: É a distinção entre a felicidade como prazer e a felicidade como justiça? Maria Aparecida: A justiça não necessariamente vai implicar no prazer. Às vezes, nós próprios podemos estar implicados nas medidas da justiça. A justiça requer essa noção, você sabe o quanto pode usufruir os prazeres sem extrapolar. O problema da nossa cultura ocidental é se submeter às medidas, saber que não pode tudo, controlar a vazão dos seus apetites, perceber até onde pode ir. Isso tem a ver com autoconhecimento e autocritica. É preciso um governo dos prazeres, é preciso hierarquizá-los, estar no comando deles. OP: Isso é algo que se aprende? Maria Aparecida: Temos uma fragilidade existencial em se autogovernar. Nas escolas, os conteúdos não trazem essa lição sobre perceber o valor desse autoexame, sobre guiar os próprios prazeres, não deixar de senti-los mas, ao mesmo tempo, não viver nesse afã de obter prazer. É como escolher beber uma vida inteira, desde que seja com moderação, ou beber loucamente até o corpo não suportar. Essa hierarquização dos prazeres não se ensina nas escolas e nas famílias. OP: Freud falava da felicidade como uma ilusão... Maria Aparecida: Isso é bem delicado. A teoria freudiana é muito pautada pela noção da felicidade como um sintoma, uma ilusão. Como na vida em sociedade não somos senhores dos nossos prazeres - somos subtraídos dos nossos prazeres, obrigados a reprimir, a negociar esses prazeres -, a felicidade realmente se coloca como uma ilusão. Não somos senhores dos nossos deveres e prazeres, somos assolados por uma repressão que não sabemos dizer quem realiza. É a própria cultura, a cultura repressora. Por outro lado, Freud reconhece que não há civilização sem repressão. Numa visão clássica talvez fosse possível vislumbrar uma situação em que fôssemos capazes de negociar quais prazeres vamos colocar à frente dos outros. Para Freud, essa possibilidade é muito remota e frágil. Por isso mesmo, uma pessoa que tenha passado por uma análise no máximo vai falar de seus infortúnios e transformar o sofrimento neurótico em um normal. Mesmo quando fala da sublimação - a transformação desses impulsos em outros objetivos -, Freud diz que vai haver um resto de impulso que não pode ser sublimado. OP: E qual a sua visão? É pessimista como a de Freud? Maria Aparecida: Eu vou mais para esse estado de aprendizado permanente, da tentativa de ser senhor de si, e não escravo de si. Acredito na "cidade interior" de cada um, no conhecimento, no diálogo, da negociação, mesmo no contexto da deterioração. Nesse sentido, sou capaz de aprender com o que o sofrimento está tentando me ensinar. E estou entendendo o seu sofrimento.



Maria Aparecida, filósofa